

## ROMANCE DO JOÃO DA GAITA

Apparício Silva Rillo

Sempre a tocar o cavalo  
João da Gaita se criou.

Nem sabia o que buscava  
- se estrela, estrada,  
horizonte.

Andava como os arroios  
que desprendidos da fonte  
procuram seu próprio curso  
pelos acasos do chão.

O claro clarim dos galos  
cada nova madrugada  
já o encontrava encilhando  
para a invenção de outro  
rumo.  
E as nazarenas cantavam  
em contraponto aos cochichos  
- elas também dois galitos  
armados em couro e prata,  
com esporões de treze pontas  
sonorizando as manhãs.

Quando a noite era mais clara  
e o caminho parecia  
um longo rio preguiçoso  
entordilhado da lua,  
João da Gaita e seu cavalo  
lembravam, pelo perfil,  
um barco a vela fugindo  
pelas pratas deste rio ...

Se alvorotavam as estâncias  
quando o gaudério chegava  
no seu jeitão despachado  
de índio caminhador.  
Na garupa a oito-baixos  
que só faltava falar,  
e na garganta as notícias  
do mundo velho largado  
por onde houvera cruzado  
na sua sina de andar.

Eram novas de peleias,  
de mercancias e cambichos,  
de sucessos em bolichos,  
conchas de tava e carreiras,

e tudo à sua maneira  
de entender o assucedido,  
filosofando comprido  
como um rábula sabido  
em tricas de tribunal.

À noite, rente do fogo,  
o andarengo abria a gaita  
como quem abre um missal.  
Oficiante extraordinário  
que das pautas do hinário  
só repicava aleluias  
para o concerto ritual.

Quando estirava os dois  
braços  
abrindo os foles da gaita,  
o celebrante do ofício  
recordava Jesus Cristo  
no lenho do sacrifício  
no seu Dia da Paixão...

E o fogo bordava rendas  
no bastidor estirado  
do santa-fé do gaipão.  
E a cuia fazia roda  
na ciranda centenária  
da volta do chimarrão.  
E a gaita velha chorava  
que nem china candongueira  
que enfrenou para carreira  
o flete do coração.

Cantava o primeiro galo.  
Mais um mate, e o andarengo  
sentava os recaus no pingo  
para a jornada do dia.

Quando o sol aparecia,  
João da Gaita, lá da estância,  
lembrava, já mui longito,  
no pala branco abanando  
algum João-grande voando  
na direção do infinito ...

Um dia, no pampa largo,  
clarins de guerra tronaram

chamando à revolução.  
Pelas estâncias e vilas  
caudilhos juntavam gente  
pra o entrechoque iminente  
jogando irmão contra irmão.

João da Gaita, o andarengo,  
mesmo pouco percebendo  
qual o sentido da luta  
também foi na reculuta  
como vaqueano da tropa.

Quando os caudilhos gritavam  
pela coragem dos tebas,  
nas cargas de espada e lança  
os cascos da cavallhada  
multiplicavam tambores  
no couro tenso do chão.

Era a luta - transformando  
cada local de combate  
num campo-santo onde as  
cruzes  
eram o "esse" das adagas  
espetadas contra o céu.

Nos fogões de acampamento,  
pelos alces dos combates,  
a velha gaita se abria  
num responso varonil.

E a indiada lembrando bailes,  
surungos de trocar passo,  
ia marcando o compasso  
na coronha do fuzil.

E João da Gaita pensava  
olhando as mãos nas hileiras  
que aquelas manoplas largas  
por tempos de paz e guerra  
tinham distinta função.  
Pelos combates e encontros  
empunhando adaga e lança,  
semeando a destruição,  
e nos descansos da luta  
puxando a gaita maneira  
nas comunhões de alegria

das rodas de chimarrão.

La fresca, não entendia  
por que sina Deus lhe dera  
duas funções tão distintas  
para o mesmo par de mãos.  
Porque a lo largo entendia  
que pelear estava errado  
quando no campo da luta  
justava irmão contra irmão.

- Ah, se pudesse algum dia  
ver a querência irmanada  
sem que faltasse nenhum  
num grande baile comum  
à sombra de uma ramada  
E ele de gaita estirada  
que nem cobra em ressolana,  
compassando a meia-canha  
das polcas de relação ...

Lá um dia percebeu,  
para o seu entendimento  
de índio meio bagual,  
que o que chamavam "ideal"  
era apenas, bem pensando,  
ambição pura de mando  
dos chefões da capital.

... daqueles que concitando  
a gauchada ao combate  
ficavam tomando mate  
peleando só por jornal...

... desses que sonham, afinal,  
por chegar de qualquer jeito,  
seja forçando um direito,  
seja quebrando um acordo,  
ao saleiro de boi gordo  
da governança estadual.

Numa noite muito escura  
atou a gaita nos tentos  
e, pingando pelo buçal,  
largou-se do acampamento  
três horas antes do dia  
para mandar-se a la cria  
direito à Banda Oriental.

Desertor? Talvez o fosse,  
fazia pouca questão.  
Mas desertor por consciência,  
ficasse bem entendido  
- soldado não é bandido  
para abater um amigo  
só porque manda o chefe...

Nunca mais se soube dele,  
porque nunca mais voltou.  
Quem sabe pra não ouvir  
pelas charlas de galpão  
a tristeza dos assuntos  
lembrando os lóurás defuntos  
sacrificados em vão.

Quem sabe pra não ouvir  
sua história mal contada  
por quem jamais a entendeu.  
Por quem apenas colheu  
de um gesto todo razão  
a mentirosa aparência  
de ter negado a querência  
como covarde e fujão...

Morreu, decerto, sem ter  
realizado o seu sonho,  
que é a impossível miragem  
dos puros de coração:

Ver a querência irmanada  
sem que lhe falte nenhum  
num grande baile comum  
à sombra de uma ramada ...